
Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação
de Décio Gatti Júnior e Joaquim Pintassilgo
Uberlândia/MG: Edufu, 2007. 186p.

Diogo da Silva Roiz

Doutorando em História – UFPR;
Professor nos cursos de História
e Ciências Sociais – UEMS.
diogosr@yahoo.com.br

Os congressos e simpósios, assim como as revistas especializadas, são importantes veículos de distribuição de informação para todos os campos do saber e, sem dúvida alguma, auxiliam diretamente na sua consolidação. Cada vez mais especializados, esses eventos permitem que o conhecimento de ponta, produzido nos mais diversos campos do conhecimento humano, circule mais rápido do que as dissertações e teses e também do que os livros. De acordo com sua projeção e importância, em um determinado campo de pesquisa, alguns deles reúnem estudantes e pesquisadores não somente de várias partes do país mas também de outros. Desde a década de 1940, eles têm feito parte, periodicamente, do cenário acadêmico do Brasil, principalmente, por meio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) que, criada em 1948, congregava pesquisadores e intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento. De lá para cá, o número de eventos aumentou cada vez mais e se especializou, em decorrência da consolidação dos programas de pós-graduação no país, nos níveis de mestrado e doutorado, ampliados na década de 1970, em razão do aumento significativo da demanda e para atender ao novo formato organizacional elaborado pelos órgãos governamentais, para regulamentar sua criação e manutenção.

Entre vários outros exemplos desse tipo de iniciativa, foi a organização do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Ocorrido inicialmente em Lisboa, em 1996, passou a ter regularidade bianual, alternando-se sua realização entre Portugal e Brasil. Assim, em 1998, ocorreu em São Paulo; em 2000, na cidade de Coimbra; em 2002, na cidade de Porto Alegre; em 2004, em Évora, e em 2006, em Uberlândia, Minas Gerais. Foi na última edição do evento que seus organizadores, Décio Gatti Júnior e Joaquim Pintassilgo, converteram parte dos trabalhos apresentados para o livro *Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação*, lançado, em 2007, pela editora da Universidade Federal de Uberlândia (Edufu).

Esse livro, portanto, seguiu o roteiro do próprio evento em sua divisão, com sete textos distribuídos em quatro seções. Na primeira, “História Cultural e História da Educação”, com texto de Peter Burke, “Cultura, Tradição, Educação”, originalmente a conferência de abertura do evento, o autor se deteve em demonstrar a pertinência do conceito de tradição, que, com o transcorrer do tempo, tornou, cada vez mais, polissêmico, para pensar sobre as complexas teias simbólicas que se formam em torno das relações culturais dos indivíduos e dos grupos

das sociedades do passado e permitem que se reflita sobre as sociedades do presente.

Na segunda, “Formas da história da educação no espaço lusófono”, com os ensaios de Áurea Adão e de José Gonçalves Gondra, objetivou-se, no primeiro texto, recensear a produção, organização, periodização e temas discutidos nas diversas edições do evento, revelando as várias formas por meio das quais a história e a historiografia da educação foram estudadas e praticadas entre Portugal e Brasil, e ainda, no segundo, inquirir e dimensionar a história da educação no espaço lusófono.

Na terceira, “Percurso e situação atual do ensino de história da educação”, com os ensaios de Maria Teresa Santos, que estudou o percurso do ensino de História da Educação em Portugal, e de Décio Gatti Júnior, que desenvolveu esse mesmo tipo de estudo para o caso brasileiro, demonstra o desenvolvimento dessa área por meio das principais obras de autores do passado e do presente.

Por fim, na quarta parte da obra, “Perspectivas futuras da pesquisa em história da educação: desafios de uma história comparada”, reuniram-se os trabalhos de Luís Miguel Carvalho e de Denice Barbara Catani. O primeiro autor discorreu sobre os desafios que existem e as fronteiras que há para produzir uma história comparada da educação, demonstrando como foram elaborados os estudos e também as apropriações que ocorrem, com base em textos que buscaram ultrapassar a história comparada “[. . .] e que se têm tornado conhecidos em torno de expressões como ‘história das transfe-

rências culturais’, ‘história cruzada’” (p. 143-4). A segunda autora se detém nas “[. . .] possibilidades da pesquisa em História da Educação” apontando algumas “[. . .] pistas para hipóteses de respostas aos desafios de uma história comparada no campo educacional” (p. 165).

Portanto, essa obra é um excelente convite para aqueles leitores, alunos e pesquisadores do campo educacional, que se preocupam com os dilemas enfrentados contemporaneamente para se produzir uma história e uma historiografia da educação comparada entre Portugal e Brasil. Evidentemente, a ênfase dos textos não esteve tão somente na análise comparativa, pois se buscava também historiar o desenvolvimento do campo de estudo entre cada um dos países. Na verdade, o principal eixo de análise comparativa foi justamente o da interpretação das edições do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, começando pela edição de 1996, que ocorreu em Lisboa (Portugal). Por isso mesmo, é possível notar, eventualmente, entre os textos alguns pequenos pontos frágeis, mas que em nada reduzem os méritos do trabalho que vem sendo feito pelos organizadores do evento e por seus participantes durante as edições, em especial a que esteve em foco nesta análise. Pelo que já foi apontado, fica o convite para a leitura deste livro coletivo, elaborado com base na sexta edição do evento, que enfocou, mais detidamente, a questão de como pensar e produzir uma história e uma historiografia da educação comparada entre Portugal e Brasil e/ou entre Brasil e Portugal.